ISSN: 2358-8829

ALFABETIZAR PARA ALÉM DO CÓDIGO: PRÁTICAS DE FORMAÇÃO DE LEITORES CRÍTICOS NA ESCOLA PÚBLICA

Pedrina Daiane Tomaz Andrade [1]
Gilvan da Silva Monteiro[2]
João Alexandre Cardoso Lopes [3]
Antônia Adriana Vieira [4]
Cleomar Rodrigues da Silva [5]
Joelson de Sousa Morais [6]

INTRODUÇÃO

A alfabetização constitui uma etapa fundamental da escolarização, pois envolve tanto a apropriação do sistema de escrita alfabética quanto a participação das crianças em práticas sociais de leitura e escrita. Alfabetizar para além do código não significa diminuir a importância do ensino sistemático da escrita, mas articulá-lo à compreensão, à interpretação e à construção de sentidos. Nessa perspectiva, Freire (1989) relaciona a leitura da palavra à leitura de mundo, enquanto Soares (2004) destaca a importância de articular alfabetização e letramento. Kleiman (1995), por sua vez, compreende o letramento como prática social, ressaltando que os sentidos da leitura são construídos nas relações entre os sujeitos, os textos e seus contextos de uso.

Essa compreensão dialoga com a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018), que orienta o trabalho com a linguagem por meio de diferentes práticas de leitura, escuta e produção de sentidos. Assim, formar leitores implica ensinar o funcionamento da escrita e proporcionar experiências que permitam às crianças compreender textos, compartilhar interpretações e relacionar o que leem às próprias vivências. Nesse processo, a mediação docente assume papel fundamental, pois cabe ao professor organizar situações de leitura que

[1] Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica (PPEEB), Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Campus Codó. E-mail: pedrinadaianetomaz@gmail.com;
[2] Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica (PPEEB), Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Campus Codó. E-mail: gilvan.monteiro@discente.ufma.br;
[3] Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica (PPEEB), Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Campus Codó. E-mail: joaoalexandrecl.10@gmail.com;
[4] Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica (PPEEB), Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Campus Codó. E-mail: aa.vieira@discente.ufma.br;
[5] Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica (PPEEB), Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Campus Codó. E-mail: cleomar.rs@discente.ufma.br;
[6] Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professor Adjunto do Curso de Pedagogia da UFMA, Campus Codó. E-mail: joelson.morais@ufma.br.

mobilizem os conhecimentos prévios das crianças, favoreçam o diálogo e ampliem suas possibilidades de interpretação.

Entretanto, a formação de leitores na escola pública também envolve desafios relacionados à participação das famílias, às condições de acesso aos livros e às práticas avaliativas que, quando centradas exclusivamente na velocidade de decodificação, podem deixar em segundo plano a compreensão textual. Diante dessas questões, consideramos relevante investigar como as concepções de alfabetização se materializam nas escolhas pedagógicas e como as experiências docentes contribuem para a construção de práticas de leitura que ultrapassem o reconhecimento de letras e palavras, sem desconsiderar a importância da aprendizagem do sistema de escrita alfabética.

A relevância deste estudo reside na possibilidade de compreender os sentidos que uma professora alfabetizadora atribui às práticas de leitura que desenvolve, às estratégias utilizadas para aproximar as crianças dos livros e aos desafios encontrados em sua atuação profissional. A perspectiva (auto)biográfica contribui para essa reflexão ao possibilitar que as experiências docentes sejam tomadas como fontes de conhecimento e formação. Morais (2024) destaca a reflexividade narrativa como oportunidade de revisitar o vivido e produzir sentidos por meio da linguagem. Enquanto Bragança (2012) discute as relações entre memória, histórias de vida e formação docente. Josso (2010), por sua vez, remete a importância de revisitar as experiências e elaborar os sentidos que construímos sobre elas. Esses referenciais permitem compreender que as escolhas pedagógicas se relacionam às trajetórias, aos saberes e às concepções que orientam o trabalho docente.

Nesse horizonte, tomamos como participante a **Professora Orquídea**, professora alfabetizadora da rede pública de ensino, com quase nove anos de atuação na área. Sua narrativa possibilita compreender como uma profissional interpreta suas práticas de leitura, as estratégias que utiliza para favorecer a participação das crianças e os desafios que identifica na formação de leitores críticos. Não buscamos tomar sua experiência como representativa de todos os professores alfabetizadores, mas compreender os sentidos construídos em uma trajetória específica e colocá-los em diálogo com as discussões teóricas sobre alfabetização, letramento e formação de leitores.

Diante desse contexto, formulamos a seguinte questão de pesquisa: **como as práticas pedagógicas narradas por uma professora alfabetizadora se relacionam com a construção de sentidos na leitura e com a formação de leitores críticos?** Estabelecemos como objetivo geral analisar essa relação a partir da experiência profissional da participante. Especificamente, buscamos: **(1)** identificar as estratégias pedagógicas relatadas pela professora para aproximar

ISSN: 2358-8829

as crianças dos livros e favorecer sua participação nas práticas de leitura; **(2)** analisar como ela compreende as relações entre as narrativas literárias, as experiências cotidianas das crianças e a construção de sentidos na leitura; e **(3)** discutir os desafios relatados quanto à participação das famílias e às práticas de avaliação da leitura, considerando suas implicações para a formação de leitores críticos.

Metodologicamente, desenvolvemos uma pesquisa de abordagem qualitativa, articulando pesquisa bibliográfica e entrevista narrativa. O relato produzido pela participante foi examinado com base na perspectiva compreensivo-interpretativa de Souza (2014), buscando relacionar as experiências narradas às questões da investigação e aos referenciais teóricos adotados. Esse percurso permitiu considerar as estratégias pedagógicas descritas, os sentidos atribuídos pela professora às experiências de leitura e as tensões identificadas em seu cotidiano profissional, respeitando os limites de uma investigação realizada com uma única participante.

O trabalho está organizado em quatro partes principais. Na seção de metodologia, apresentamos a abordagem da pesquisa, os procedimentos de produção dos dados e o percurso de análise da narrativa. Em seguida, no referencial teórico, discutimos as relações entre alfabetização, letramento, leitura como prática social e formação de leitores críticos. Na seção de resultados e discussão, analisamos a narrativa da Professora Orquídea em diálogo com os autores e os documentos que fundamentam o estudo. Por fim, nas considerações finais, retomamos os principais apontamentos da investigação, seus limites e as possibilidades de aprofundamento do tema em pesquisas futuras.

METODOLOGIA

A pesquisa inscreve-se no campo da abordagem qualitativa, fundamentada na perspectiva narrativa (auto)biográfica e orientada pela análise compreensivo-interpretativa das experiências narradas. O estudo tem como propósito compreender as práticas, as estratégias e as concepções de alfabetização de uma professora da rede pública de ensino, considerando os sentidos que atribui à leitura, ao trabalho pedagógico e aos desafios que atravessam sua atuação com crianças do primeiro ano do Ensino Fundamental. Partimos do entendimento de que a docência é constituída por experiências, escolhas e aprendizagens que se constroem no cotidiano escolar e que, ao serem narradas, podem revelar aspectos importantes da formação e do exercício profissional.

A escolha pela abordagem qualitativa decorre do interesse em compreender os significados atribuídos pela participante às experiências vivenciadas, sem reduzir sua atuação a

ISSN: 2358-8829

indicadores numéricos ou a resultados previamente estabelecidos. Nessa direção, a pesquisa narrativa (auto)biográfica oferece possibilidades para revisitar acontecimentos da trajetória profissional, reconhecer os sentidos construídos pela professora e refletir sobre as relações entre experiência, prática pedagógica e formação de leitores. Souza (2006), ao discutir as histórias de vida e os processos de formação, destaca a diversidade de fontes e procedimentos que podem integrar essa perspectiva, incluindo as narrativas produzidas oralmente ou por escrito. Conforme o autor:

> As histórias de vida adotam e comportam uma variedade de fontes e procedimentos de recolha, podendo ser agrupadas em duas dimensões, ou seja, os diversos "documentos pessoais" (autobiografias, diários, cartas, fotografias e objetos pessoais) e as "entrevistas biográficas", que podem ser orais ou escritas. (SOUZA, 2006, p. 24).

Essa compreensão fundamenta a escolha da **entrevista narrativa** como instrumento de produção dos dados, uma vez que permite à participante reconstruir experiências significativas, descrever situações vivenciadas no cotidiano da alfabetização e atribuir sentidos às decisões pedagógicas que orientam seu trabalho. A entrevista foi conduzida com uma questão disparadora, seguida de intervenções de aprofundamento relacionadas aos acontecimentos narrados, buscando favorecer a continuidade do relato e a explicitação das experiências consideradas relevantes pela professora. Desse modo, o interesse não se restringiu à identificação de estratégias de ensino, mas abrangeu a compreensão de como a participante interpreta suas práticas e os desafios que encontra na formação de leitores críticos.

A participante da investigação é uma professora alfabetizadora da rede pública de ensino, identificada pelo pseudônimo **Professora Orquídea**, utilizado para preservar sua identidade na apresentação e na discussão dos resultados. Foram realizados dois encontros por meio da plataforma **Google Meet**, com duração aproximada de 30 (trinta) minutos cada. O **primeiro encontro** foi destinado à apresentação da proposta, à explicação dos procedimentos da pesquisa e à conversa sobre os aspectos éticos da participação. No **segundo encontro**, foi realizada a entrevista narrativa, que foi gravada para possibilitar o registro e a análise do relato. A narrativa contempla aspectos da trajetória profissional da professora, estratégias de aproximação das crianças com os livros, relações entre as histórias e as experiências infantis, desafios envolvendo a participação das famílias e reflexões sobre formas de avaliação da leitura. Esses elementos constituem o material empírico da análise, respeitando a singularidade da experiência relatada e os limites de uma investigação realizada com uma única participante.

ISSN: 2358-8829

A produção e a utilização dos dados observaram a necessidade de respeitar a participante, proteger sua identidade e evitar informações que pudessem permitir sua identificação direta ou indireta. O pseudônimo constitui uma medida de proteção, e constitui um dos cuidados éticos necessários à realização e à divulgação da investigação. A gravação, a transcrição e a utilização de excertos da entrevista estão respaldadas pelo consentimento da participante.

O material produzido por meio da entrevista narrativa foi analisado em uma perspectiva compreensivo-interpretativa, em diálogo com as contribuições de Souza (2014). Essa orientação permite considerar a narrativa para além de uma sequência de informações sobre acontecimentos, tomando-a como uma produção de sentidos na qual a participante seleciona experiências, interpreta situações e expressa compreensões sobre sua trajetória e seu trabalho. A análise, portanto, procura articular o conteúdo narrado às questões que orientam a investigação e ao referencial teórico, preservando a singularidade da experiência docente. Souza (2014, p. 43), ao discutir a análise compreensivo-interpretativa das narrativas, destaca:

> A análise compreensiva-interpretativa das narrativas busca evidenciar a relação entre o objeto e/ou as práticas de formação numa perspectiva colaborativa, seus objetivos e o processo de investigação-formação, tendo em vista apreender regularidades e irregularidades de um conjunto de narrativas orais ou escritas, partem sempre da singularidade das histórias e das experiências contidas nas narrativas individuais e coletivas dos sujeitos implicados em processos de pesquisa e formação.

Em consonância com essa perspectiva, o percurso analítico foi desenvolvido em movimentos articulados. Inicialmente, realizou-se a leitura integral da entrevista, buscando reconhecer as experiências destacadas pela participante, suas concepções de alfabetização e os sentidos atribuídos às práticas de leitura. Em seguida, o material foi organizado tematicamente, considerando as aproximações entre os relatos e os objetivos da pesquisa. Esse processo permitiu estruturar a discussão em três eixos: a leitura para além da decodificação, com destaque para o cantinho e a sacola da leitura; as relações entre as narrativas literárias e as experiências cotidianas das crianças; e os desafios à formação de leitores, especialmente a participação familiar e as formas de avaliação da leitura.

No movimento interpretativo, os eixos foram examinados em diálogo com as contribuições teóricas sobre alfabetização, letramento, leitura como prática social e mediação docente. Freire (1989) contribui para refletir sobre a relação entre leitura da palavra e leitura de mundo; Kleiman (1995) possibilita discutir a leitura e a escrita em suas dimensões sociais; e Soares (2004) fundamenta a compreensão da articulação entre alfabetização e letramento. A

ISSN: 2358-8829

Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018) integra a discussão acerca do trabalho com a linguagem e a leitura na Educação Básica. As contribuições de Souza (2006, 2014) sustentam, por sua vez, a compreensão das narrativas como produções de sentidos e orientam os cuidados necessários à interpretação da experiência relatada.

A articulação entre narrativa e referencial teórico não tem como finalidade comprovar antecipadamente uma concepção de alfabetização, mas compreender as aproximações, tensões e questões que emergem da experiência da participante. Por essa razão, a análise considera tanto as possibilidades pedagógicas presentes nas estratégias relatadas quanto os desafios e limites identificados pela professora. Busca-se, assim, ultrapassar a descrição das práticas e examinar seus significados no contexto narrado, sem atribuir à participante afirmações que não tenham sido expressas ou estabelecer relações causais que os dados não permitem sustentar.

Reconhecemos, por fim, que a investigação permite compreender de maneira situada as concepções e as práticas narradas por uma professora alfabetizadora, mas não pretende generalizar suas experiências para o conjunto dos profissionais da área nem mensurar os efeitos de suas estratégias sobre a aprendizagem das crianças. A contribuição do estudo consiste em colocar uma experiência docente em diálogo com a literatura, produzindo reflexões sobre práticas de alfabetização que valorizem a compreensão, a participação infantil e a construção de sentidos no encontro com a leitura.

REFERENCIAL TEÓRICO

Compreender a alfabetização para além da decodificação implica reconhecer que aprender a ler e escrever envolve tanto a apropriação do sistema alfabético quanto a participação em práticas sociais de leitura e escrita. Soares (2004) distingue alfabetização e letramento, ressaltando que são processos específicos, mas indissociáveis, que precisam ser desenvolvidos de maneira articulada.

Nessa direção, Kleiman (1995) compreende o letramento como prática social, perspectiva que permite considerar a leitura como uma experiência que ganha sentido nas relações entre os sujeitos, os textos e seus contextos de uso. Freire (1989), ao relacionar a leitura da palavra à leitura de mundo, contribui para pensar uma alfabetização que não se limite à pronúncia de palavras, mas favoreça a compreensão da realidade, a reflexão e a construção de sentidos.

No plano legal, a Constituição Federal de 1988 estabelece, em seu artigo 205, a educação como direito de todos e dever do Estado e da família, orientada ao pleno

desenvolvimento da pessoa e ao exercício da cidadania (BRASIL, 1988). Em consonância com esse princípio, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional determina que a alfabetização plena e a formação de leitores constituem objetivos essenciais da educação básica, conforme o parágrafo único do artigo 22 (BRASIL, 1996). A Base Nacional Comum Curricular também contempla, nos dois primeiros anos do Ensino Fundamental, a sistematização da alfabetização, articulando conhecimentos sobre o sistema de escrita a práticas de leitura, escuta e formação do leitor (BRASIL, 2018).

Esses documentos evidenciam que garantir o acesso à leitura exige mais do que ensinar a decifrar o código escrito: requer condições para que as crianças compreendam textos, compartilhem interpretações e participem de diferentes práticas de linguagem. Nesse processo, a mediação docente assume papel fundamental ao aproximar os estudantes dos livros, acolher suas experiências e ampliar suas possibilidades de interpretação por meio do diálogo e de intervenções intencionais. As narrativas docentes, por sua vez, permitem compreender como essas concepções se expressam nas escolhas pedagógicas e nos desafios cotidianos.

Souza (2006) contribui para essa compreensão ao discutir as narrativas como possibilidades de acesso às experiências e aos sentidos construídos pelos sujeitos. Assim, a narrativa da Professora Orquídea é analisada não como comprovação definitiva da eficácia de determinadas estratégias, mas como uma experiência situada que, em diálogo com os referenciais teóricos e os documentos legais, possibilita refletir sobre práticas de alfabetização comprometidas com a compreensão, a participação infantil e a formação de leitores críticos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A trajetória profissional constitui uma dimensão importante para compreendermos os sentidos que a professora atribui à alfabetização e à formação de leitores. Ao rememorar sua atuação na rede pública de ensino, a **Professora Orquídea** destaca a satisfação de acompanhar as aprendizagens das crianças, especialmente quando percebe os avanços daqueles que, no início do ano letivo, ainda não haviam consolidado a leitura. Essa recordação evidencia que, para além dos desafios cotidianos, a docência também é marcada pelos vínculos construídos com os estudantes e pelo significado atribuído às suas conquistas. A experiência narrada permite-nos compreender a alfabetização como um processo que se desenvolve ao longo do tempo, mediante o trabalho pedagógico e o acompanhamento das aprendizagens.

Essa dimensão da experiência aproxima-se das contribuições de Josso (2010), ao compreendermos que as vivências podem adquirir sentidos formativos quando são revisitadas

ISSN: 2358-8829

e interrogadas, e de Bragança (2012), que estabelece relações entre memória, história de vida e formação docente. Nessa perspectiva, narrar a própria trajetória não significa apenas recordar acontecimentos, mas reconhecer o que permaneceu significativo e compreender como essas experiências participam da constituição profissional. Ao retomar seu percurso como alfabetizadora, a professora expressa o significado que atribui ao acompanhamento das aprendizagens e à possibilidade de testemunhar as conquistas das crianças:

> Chega a passar um filme na minha cabeça, quando rememoro tudo que já vivi durantes todos esses anos como professora alfabetizadora, já trabalho com alfabetização desde que ingressei na rede pública de ensino, há quase nove anos. Posso afirmar que muitos momentos já me marcaram. O que mais me marca nessa trajetória é receber uma criança que ainda não sabe ler, ter condições de desenvolver um trabalho ao longo do ano letivo e, ao final, vê-la feliz por conseguir ler. Acompanhar esse processo de aprendizagem e perceber as conquistas das crianças é uma das experiências mais gratificantes da minha profissão, me deixa muito feliz. **(Narrativa da Professora Orquídea, agosto de 2026).**

A fala evidencia que a alfabetização é percebida como um processo construído ao longo do tempo, marcado pelo acompanhamento docente e pelas descobertas infantis. Essa compreensão dialoga com Soares (2004), ao reconhecer a necessidade de articular o ensino do sistema de escrita às práticas sociais de leitura.

Nessa perspectiva, aprender a ler não significa apenas decodificar palavras, mas participar de experiências que permitam compreender e atribuir sentidos ao que se lê. Entre as estratégias relatadas, a professora destaca o cantinho da leitura e a sacola literária, que aproxima os livros do cotidiano familiar. Sobre essa proposta, explica:

> As crianças são orientadas a levarem para casa a sacola da leitura e a fazerem a leitura em casa juntamente com a família, para proporcionar um momento de descontração e aproximação entre escola e família. [...] É solicitado que façam a leitura e tragam objetos que remetam à história, para que possam reproduzi-la na escola para as demais crianças. Eles costumam trazer colheres, panelas, galhos de plantas, pedrinhas, bonecas, bolas, entre outros objetos que façam lembrar a narrativa do livro. Com o tempo, fomos aprofundando essas experiências em sala de aula, e as crianças passaram a desenvolver maior consciência sobre a leitura, ampliando suas possibilidades de compreensão e participação. Essa prática me permite perceber que a formação de leitores começa antes mesmo do domínio convencional da escrita. **(Narrativa da Professora Orquídea, agosto de 2026).**

A sacola da leitura transforma objetos cotidianos em recursos para recordar e compartilhar histórias. A proposta aproxima escola e família e oferece às crianças diferentes possibilidades de participação, inclusive àquelas que ainda não dominam convencionalmente a escrita. Essa experiência dialoga com Kleiman (1995), ao compreender a leitura como prática social, e com Freire (1989), cuja reflexão relaciona a leitura da palavra à leitura de mundo. As

experiências infantis, nesse sentido, não substituem o ensino do sistema alfabético, mas podem favorecer a construção de significados durante a alfabetização.

A professora relata que algumas crianças inicialmente acreditavam não poder participar da atividade porque ainda não sabiam ler. Ao mostrar que as imagens e a imaginação também poderiam ajudá-las a compreender as histórias, procurou ampliar suas possibilidades de envolvimento. Segundo sua narrativa, as crianças passaram a levar livros para casa, selecionar objetos e compartilhar o que haviam compreendido. Embora o relato não permita mensurar os efeitos dessas práticas, evidencia uma intencionalidade pedagógica voltada à aproximação das crianças com os livros e à valorização de suas interpretações. Essa relação entre texto e experiência também aparece quando a professora recorda uma manifestação espontânea durante a leitura:

> É comum que as crianças relacionem as histórias às próprias vivências. Quando mencionamos algo que faz parte do cotidiano delas, logo surgem comentários como "Tia, eu também tenho um cachorro!" Essas manifestações demonstram que as crianças estão estabelecendo relações entre o que ouvem ou leem e suas experiências pessoais. Considero esses momentos importantes, pois mostram que a leitura ganha sentido quando os estudantes conseguem reconhecer elementos das histórias em sua própria realidade. **(Narrativa da Professora Orquídea, agosto de 2026).**

A fala expressa uma aproximação entre a história e o cotidiano infantil: ao reconhecer um elemento familiar, a criança estabelece uma relação entre o texto e sua experiência. À luz de Freire (1989), essa associação pode constituir um ponto de partida para ampliar a compreensão da narrativa. Cabe à mediação docente acolher essas manifestações e, por meio de perguntas e conversas, estimular novas interpretações. A associação inicial não comprova, por si só, o desenvolvimento da criticidade, mas revela uma oportunidade de construir sentidos e ampliar a participação na leitura.

A narrativa também evidencia desafios que atravessam o trabalho alfabetizador. Um deles é a participação das famílias, pois, segundo a professora, alguns responsáveis não sabem ler ou não compreendem a importância das atividades propostas. Essa realidade exige que a escola construa alternativas de envolvimento familiar, como escutar a criança contar a história, observar imagens e conversar sobre personagens, sem responsabilizar individualmente as famílias por condições desiguais de acesso à cultura escrita.

Outro desafio refere-se às avaliações de leitura que priorizam a quantidade de palavras lidas em um minuto. A professora manifesta preocupação com a possibilidade de a velocidade se tornar o principal indicador de aprendizagem:

ISSN: 2358-8829

> Na minha percepção, esse tipo de avaliação, quando utilizado de forma isolada e com foco na velocidade, não contribui suficientemente para a formação de leitores críticos. Existe o risco de priorizar o desempenho e a quantidade de palavras lidas, deixando em segundo plano a compreensão e a construção de sentidos. Acredito que ler não deve se resumir a pronunciar palavras corretamente ou alcançar determinado resultado em um teste. Meu objetivo é proporcionar momentos de leitura que tenham significado para elas e que contribuam para o desenvolvimento da compreensão e do pensamento crítico. **(Narrativa da Professora Orquídea, agosto de 2026).**

A reflexão não implica desconsiderar a importância da fluência ou do acompanhamento sistemático da aprendizagem, mas questiona a utilização de um único indicador para avaliar um processo complexo. Em diálogo com Soares (2004) e com a BNCC (BRASIL, 2018), compreendemos que a formação de leitores exige articular a aprendizagem do sistema de escrita à compreensão textual e à participação em diferentes práticas de linguagem.

As experiências narradas pela Professora Orquídea evidenciam, portanto, possibilidades e tensões da alfabetização na escola pública. O cantinho da leitura, a sacola literária e as relações estabelecidas entre histórias e experiências infantis revelam práticas que buscam aproximar as crianças dos livros. Ao mesmo tempo, os desafios relacionados à participação familiar e à avaliação mostram que formar leitores exige mais do que ensinar a decodificar: requer mediação docente, oportunidades de interpretação e condições para que a leitura adquira significado. A narrativa de uma única professora não permite generalizar resultados, mas oferece elementos para refletir sobre uma alfabetização que articule o ensino da escrita, a compreensão e a formação de leitores críticos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo analisar como as práticas pedagógicas relatadas por uma professora alfabetizadora se relacionam com a construção de sentidos na leitura e com a formação de leitores críticos. A articulação entre pesquisa bibliográfica e entrevista narrativa da Professora Orquídea permitiu discutir práticas de leitura cotidiana, relações entre histórias e experiências infantis e desafios presentes na formação de leitores na escola pública.

A análise evidenciou que o cantinho de leitura, a sacola literária e a partilha de objetos relacionados às histórias são descritos pela professora como estratégias para aproximar as crianças dos livros e favorecer sua participação, inclusive antes do domínio convencional da escrita. As manifestações infantis que relacionam elementos das histórias ao cotidiano também indicam oportunidades para a mediação docente, que pode acolher as associações iniciais e ampliá-las por meio de perguntas, inferências e diálogo.

O relato trouxe ainda dois desafios: a construção de formas acessíveis de participação familiar e a preocupação com avaliações que privilegiam a velocidade da leitura quando utilizadas isoladamente. Esses pontos reforçam a necessidade de compreender a aprendizagem leitora em suas múltiplas dimensões, articulando o ensino sistemático do sistema alfabético à compreensão, à interpretação e ao uso social da linguagem. Alfabetizar para além do código não significa abandonar o ensino da escrita, mas ampliar seus sentidos e suas finalidades.

Como limite, o estudo se baseia na entrevista narrativa de uma única professora. Não foram utilizados dados de observação direta, avaliações dos estudantes ou depoimentos das famílias; por isso, as conclusões se restringem à experiência narrada e à sua interpretação teórica. Pesquisas futuras poderão ampliar o número de participantes, acompanhar práticas em sala de aula e analisar produções dos estudantes, respeitando os procedimentos éticos necessários.

Conclui-se que a formação de leitores críticos exige intencionalidade pedagógica, acesso a textos variados, mediação docente e oportunidades para que as crianças leiam, escutem, interpretem, perguntem e relacionem textos e mundo. A narrativa da Professora Orquídea contribui para essa reflexão ao evidenciar escolhas, inquietações e possibilidades do cotidiano alfabetizador, sem desconsiderar os limites e as condições concretas em que o trabalho pedagógico se realiza.

Palavras-chave: Alfabetização; Letramento; Leitores críticos; Escola pública; Práticas pedagógicas.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos, primeiramente, a Deus, pela força, sabedoria e oportunidade de construir este trabalho. Agradecemos a todos que contribuíram direta ou indiretamente para sua realização, especialmente aos autores, coautores e ao nosso orientador, pelas contribuições e pela parceria ao longo deste percurso.

Agradecemos, de modo especial, à professora alfabetizadora participante da pesquisa, pela generosidade em compartilhar suas experiências e reflexões, enriquecendo este estudo e reafirmando a importância de uma alfabetização que ultrapasse o código escrito e favoreça a formação de leitores capazes de construir sentidos e relacionar a leitura ao mundo.

REFERÊNCIAS

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. **Histórias de vida e formação de professores**: diálogos entre Brasil e Portugal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov .br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 15 mar. 2026.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394compilado.htm. Acesso em: 02 jul. 2026.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: https://basenacionalcomum.mec.gov.br /images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 25 jul. 2026.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. 2. ed. rev. e ampl. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

KLEIMAN, Angela B. (org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995.

MORAIS, Joelson de Sousa. O poder das narrativas na construção de políticas de formação docente. **REVISTA INTERSABERES**, 2024. Disponível em: https://www.revistasuninter. com/intersaberes/index.php/revista/article/view/2603. Acesso em: 10 jul. 2026.

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 25, p. 5–17, jan./abr. 2004. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S1413-24782004000100002. Acesso em: 28 out. 2026.

SOUZA, Elizeu Clementino de. A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação. **Educação em Questão**, Natal, v. 25, n. 11, p. 22–39, jan./abr. 2006.

SOUZA, Elizeu Clementino de. Diálogos cruzados sobre pesquisa (auto)biográfica: análise compreensiva-interpretativa e política de sentido. **Educação**, Santa Maria, v. 39, n. 1, p. 39–50, jan./abr. 2014. Disponível em: https://doi.org/10.5902/1984644411344. Acesso em: 29 out. 2026.